

PRODUÇÃO TEXTUAL: O DESAFIO DA PRÁTICA DOCENTE

Denise Sodré Dorjó¹

Resumo

O trabalho é fruto da observação das práticas pedagógicas de professores de Língua Portuguesa, em aulas que apresentam aos alunos atividades de produção de texto meramente mecânicas. Percebe-se que as aulas estão longe de serem exercícios que levem o aluno a escrever, a revisar o próprio texto, a refletir e explorar os elementos linguísticos e não linguísticos que acompanham um texto, atividade fundamental, visto que não há receitas para produzir bons textos. O certo é que para oportunizar ao aluno a reflexão sobre as possibilidades de uso da língua em diferentes contextos sociais e sobre as possibilidades de escolhas linguísticas adequadas da escrita, conforme as intenções de produção, faz-se preciso ao professor o domínio da língua padrão; da estrutura gramatical da língua; ainda, é elementar que conheça os recursos linguísticos e suas funções na construção do sentido nos textos.

Palavras chave: formação docente, prática pedagógica, produção escrita.

Abstract

The work is inspired by the observation of teaching practices of teachers of Portuguese language classes in activities that present students of text production merely mechanical. It is noticed that the classes are far from exercises that allow students to write, to revise the text itself, reflect and explore the elements of linguistic and nonlinguistic accompanying text, basic activity, since there is no revenue to produce good texts. The truth is that creating opportunity for the students to reflect on the possibilities of language use in different social contexts and the possibilities of writing appropriate language choices, as the intentions of production, it is necessary to the teacher mastery of the language standard; the grammatical structure of language, yet it is elementary that knows the language resources and their roles in the construction of meaning in texts.

Keywords: teacher training, educational practice, written production

1. Graduada em Letras - Português/Inglês pela Faculdade de Filosof. Ciências Letras de BH (1997). Especialista, na área da Educação, em Processo Ensino-aprendizagem. União das Faculdades Clarentianas de S.P (1999). Mestrado em Linguística Portuguesa. Universidad Autónoma de Asunción (2009). Atualmente faz parte do corpo docente do Curso de Letras e da Equipe Pedagógica da Instituição. Atua principalmente nas áreas de Língua Portuguesa, Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Educação do Campo, Estágio Supervisionado.

Introdução

Esse artigo nasceu na sala de aula ao observar as práticas pedagógicas de professores de Língua Portuguesa em atividades de ensino da produção de textos, em turmas do 3º ano do Ensino Médio. Pode-se notar que dos muitos objetivos apresentados nos planos de ensino, ao final do período letivo, poucos são alcançados. Corroboram com essa ideia as pesquisas quando apontam que as escolas não conseguem cumprir seu papel em relação a proporcionar ao aluno o desenvolvimento de habilidades linguísticas necessárias para que utilizem a língua com flexibilidade, de acordo com as diversas exigências da vida e da sociedade.

Ora, vale lembrar que a escola é um espaço de convívio com o padrão culto da língua, pois todos que chegam até ela já usam a Língua Portuguesa, ou melhor, uma variedade dessa língua, falam e escrevem utilizando dessa variedade linguística.

Ainda, é mister apontar que os professores de português têm o papel de proporcionar ao aluno atividades que auxiliem produzir textos coerentes e coesos, ou seja, textos que realmente transmitam algo para o leitor. Lembros-lhes que os escritos nos vestibulares, em cartas, ou nas provas do ENEM, em grande maioria, não conseguem informar para o que vieram.

Discussão sobre a produção textual

Sabe-se que, para se escrever um bom texto, é necessário conhecer as regras da escrita, como as normas ortográficas, de pontuação, de concordância, de uso de tempos verbais, saber escolher as palavras para dar sentido ao dito e, ainda, construir um discurso que possibilite a interação entre produtor do texto e leitor.

No ensino de produção textual, o professor precisa dialogar com os alunos, interagir, proporcionar informações novas e, também, apresentar e comentar os diversos gêneros textuais, pois isso favorece a apropriação de

conhecimentos para produção de textos. Assim as aulas serão um espaço de desenvolvimento de habilidades linguísticas necessárias para o desenvolvimento da competência da escrita.

Os alunos precisam de atos concretos, eles devem ser levados a praticar a escrita e a reescrita. Reescrevendo os próprios textos pode reformular ideias, substituir algumas palavras, adequando ao gênero textual e à situação comunicativa.

Percebe-se que um grande número de alunos que chega ao Ensino Médio não é capaz de produzir um bom texto, faz um ajuntamento de ideias desorganizadas, que são colocadas no papel de forma aleatória. Na verdade estão longe de serem considerados textos, já que não há ligação entre as palavras, orações, parágrafos, que possam culminar em um todo com sentido entre as ideias. Como exemplo, apresentamos o fragmento de texto do aluno A.

O racismo ou discriminação com os pobres e o que mais temos no nosso país por isso acaba provocando na sociedade uma série de problemas como o consumismo desenfreado da classe pobre. Os jovens que não tem condição se sente tão discriminado hoje por não ter um tênes de marca um celular do ano. Que acaba se tornando uns grandes consumidores e acaba também se carregando de dividas e têm que trabalhar pra pagar.

Percebe-se que o conhecimento linguístico do aluno está aquém do seu grau de estudo, há desconhecimento sobre a acentuação de palavras, de como a falta de um acento pode interferir na relação de significado do vocábulo, isso é evidente quando quer dizer “país” e escreve “pais”. Ainda, a falta de pontuação traz dificuldade de entendimento. Bem como, o uso do ponto final indevidamente interrompendo a ideia apresentada em “Os jovens que não tem condição se sente tão discriminado hoje por não ter um tênes de marca um celular do ano. Que acaba se tornando...”. Há total despreocupação com a concordância verbal.

É possível detectar que o aluno têm pouca

leitura sobre o assunto, falta informação para fundamentar e progredir suas ideias que são superficiais sobre as consequências do racismo. Também apresenta ideia desconexa de que não é normal trabalhar, pois o seu texto afirma que os jovens que sofrem racismo precisam trabalhar para pagar as contas. Ora, o racismo não tem essa interferência na ação de trabalhar, todos nós precisamos de trabalhar se quisermos ter alguma coisa.

Outro exemplo de ausência de clareza e de conhecimentos linguísticos é o fragmento texto aluno B:

A sociedade ainda não conseguiu superar a barreira do racismo no Brasil, existe muitas pessoas que acham superiores a outras.

Muitas vezes colocam nomes como "macaco" e muitas outras pessoas de características mais acima, por serem mais vistosos pela sociedade, já se acham o tal, dizem palavras aos mais humildes que o deixam constrangidos, cabisbaixo, envergonhados.

As vezes usam essa forma de expressão até por serem menos estudados por falar mau.

O texto tem como tema o racismo, mas o aluno não consegue apresentar uma ideia que tenha progressão, que defina o que é o racismo. As ideias apresentadas são vagas, incompletas. Não consegue estruturar um discurso que o leitor possa entender qual sua concepção de racismo e suas consequências para quem o sofre.

Bem, o aluno tenta produzir um texto, mas a incoerência e a confusão das ideias não permite interação entre o produtor o texto e o leitor. Não é possível saber o que são "características mais acima". Quem usa "essa forma de expressão"? Quem é "menos estudados por falar mau"?

Para que o discurso produzido pelo aluno seja bem sucedido, é preciso que se estabeleça de um todo significativo e não de partes isoladas justapostas. No interior de um texto, é necessária a existência de elementos que estabeleçam uma ligação entre as partes, isto é, elos relevantes que propiciem coesão ao discurso.

É visível a dificuldade de muitos alunos de apresentarem suas ideias por escrito. Isso demonstra que a orientação dos professores não é eficiente. Corrobora com essa ideia Costa Val (2006, p.26) quando afirma que

(...) durante o período escolar, se alia a artificialidade das condições mais frequentes de produção de redação (escrever sem se preparar, sobre um tema imposto, para um leitor que será juiz, dentro de um tempo determinado sem a possibilidade de revisão e reelaboração do próprio texto)

Nesse cenário, percebe-se que para o sucesso da prática de ensino de produção textual, o professor deve ser um produtor de textos, precisa ter conhecimentos linguísticos, ser leitor, estar atualizado, dialogar com os alunos, interagir, proporcionar informações novas e, também, apresentar e comentar os diversos gêneros textuais. Cabe, ainda, oportunizar ao aluno o exercício de escrever, de revisar a própria produção e refazê-la melhor.

Assim, as aulas serão um espaço de desenvolvimento de habilidades linguísticas necessárias para o desenvolvimento da competência da escrita. Neto (1993, p. 23) expõe que "[...] praticar a língua portuguesa, exercitar as linguagens, ler e produzir textos, refletir sobre essas práticas, sobre a organização dos textos lidos e produzidos seria, de maneira ampla, o conteúdo de ensino de língua".

A observação de atividades de ensino de produção textual em sala de aula permite levantar vários questionamentos, como: Não seria o papel da escola tornar possível que o aluno produza textos orais e escritos, participando de forma ativa, dialogando continuamente com textos e leitores? O que a escola ensina em relação à produção de textos? Por que os alunos passam 11 anos na educação básica, e grande número deles sai da escola sem dominar a modalidade escrita? A saída não seria atividades práticas de produção escrita acompanhadas de reflexões sociolinguísticas para compreender a escrita padrão, nas suas várias formas?

Busca-se encontrar essas respostas e

poder contribuir com estudos pertinentes a práticas pedagógicas significativas, eficientes e eficazes, em que o fazer linguístico do aluno há de ser constituído não por normas apreendidas aleatoriamente, mas por meio de escritas de vários gêneros textuais com funcionalidades reais.

Prática Pedagógica X Preparação Docente

Nos diversos processos de ensino e aprendizagem, há uma conjugação entre teoria e prática, existe a necessidade de o professor assumir posturas mais investigativas nos processos educacionais, ser um pesquisador da sua própria prática, ser um pesquisador da língua com que trabalha. Não há como conduzir a prática como mero exercício técnico, em que a tarefa se resume na aplicação de teorias feitas por pesquisadores externos à sua realidade e à realidade dos processos educacionais nos quais ele se encontra envolvido.

No entanto, o que se busca é justamente o contrário, ou seja, tem-se como meta enfatizar a relação intrínseca entre teoria e prática como momentos que se completam e não como pontos opostos e desvinculados. E, para que esta relação ocorra de fato, é necessário que o professor deixe de apenas receber teorias externas e passe ele mesmo a teorizar sobre a sua prática. Nessa perspectiva, o professor tem a possibilidade de conquistar sua autonomia teórica, valorizando as suas próprias teorias práticas, advindas das suas experiências, reflexões e análises críticas da realidade que vivencia a cada momento em sala de aula, quando está movimentando os processos de ensino e aprendizagem.

Ao contrário de um processo estático, aborda-se aqui a prática pedagógica, essa que exige conhecimentos teóricos específicos da Língua Portuguesa, mas não só esses conhecimentos, também a compreensão da complexidade do processo ensino e aprendizagem, bem como o entendimento da importância de planejar sua

prática, buscar reestruturar os modelos, visto que a prática é de cada um, e é por isso que deve ser olhada com atenção e atitude investigativa e reflexiva, pois dessa forma estará investindo em seu próprio desenvolvimento.

Ao professor, faz-se necessário ter um conceito revisto e ampliado sobre a sala de aula, sobre as estratégias de práticas de ensino e, ainda, sobre a necessidade de contextualizar os conteúdos para possibilitar a compreensão da linguagem como prática social, para possibilitar que o aluno encontre o caminho da aprendizagem.

O certo é que práticas de ensino de produção de texto não são aulas que têm como objetivo ensinar formas, receitas de como produzir bons textos. Ora, não se tem como automatizar um texto, ele é uma produção e toda produção implica a pessoa que o produz. Nas palavras de Chiappini (2004, p.20),

ao se propor a produção de textos como devolução da palavra ao sujeito, aposta-se no diálogo (que não exclui a polêmica e a luta pelos sentidos) e na possibilidade de recuperar na “história contada e não contada” elementos indicativos do novo que se imiscui nas diferentes formas de retomar o vivido, de inventar o cotidiano.

Entende-se que ensinar é dialogar, é trocar diferentes saberes, é confrontar os conhecimentos, é descolar-se constantemente para processos de estudos no processo ensino-aprendizagem, assim, a prática de ensino deve propor o estudo, a reflexão sobre as inúmeras possibilidades da Língua Portuguesa, reflexão e exploração dos elementos linguísticos e não linguísticos que acompanham um texto e que esses elementos não aparecem em uma estrutura e sequência pré-determinadas, Ao contrário, a linguagem não existe em si, existe efetivamente em um contexto de relações sociais, é um conjunto aberto e múltiplo de práticas sociointeracionais, orais e escritas.

Nessa expectativa, seria impossível, ao professor, oportunizar ao aluno a reflexão sobre

as possibilidades de uso da língua em diferentes contextos sociais e que há possibilidades de escolhas linguísticas adequadas da escrita, conforme as intenções de produção, apresentando apenas atividades de escrever como um exercício motor, mecânico, sem envolver a capacidade de pensar, organizar ideias, apresentar opiniões e externar conhecimentos.

Constitui-se importante para o aluno ver que seu professor produz, escreve, compreende e conhece a língua, para que sinta segurança, tenha vontade de questionar, discutir sobre as formas linguísticas de estruturar um texto, apresentando apenas atividades de escrever como um exercício motor, mecânico, sem envolver a capacidade de pensar, organizar ideias, apresentar opiniões e externar conhecimentos, faz-se necessário que o estudante sinta-se instigado a produzir, a desafiar.

Nas palavras de Telles & Osório (1999, p.31),

não é raro encontrar recém-formados em cursos de Letras dizendo que a universidade não lhes ensinou a dar aulas, assim como professores de línguas afirmando que necessitam de “mais teoria” para poderem desempenhar com mais qualidade suas funções docentes.

Na realidade, é necessário que professor domine a língua padrão; saiba a estrutura gramatical da língua; conheça os recursos linguísticos e suas funções na construção do sentido nos textos, segundo Travaglia (2002,p.11),

[...] para a finalidade de alcançar a internalização de unidades linguísticas, construções, regras e princípios de uso da língua para que estejam à mão do usuário, quando deles necessitar para estabelecer a interação comunicativa em situações específicas.

O que efetivamente se quer destacar é que na formação do professor de Língua Portuguesa,

além das disciplinas na área da Linguística, deve ser contemplada as disciplinas básicas de Língua Portuguesa.

Parece paradoxal um profissional, que em sala de aula deve apresentar a escrita nas suas várias formas, fazer reflexão e análise linguística dos textos apresentados, não acessar o sistema escrito de modo sistemático ou, por outro lado, fazer sem uma reflexão consciente.

O sentido ora dado ao estudo gramatical é importante para a organização de um texto. Dessa forma, o professor necessita saber utilizar os sinais de pontuação, fazer uso da ortografia correta das palavras, saber usar da crase, saber escolher as preposições e conjunções, já que há relações de sentido envolvidas nessas escolhas. E, também, saber operar as concordâncias verbal e nominal; saber proceder as regências verbal e nominal; e, ainda, construir um texto com coesão e coerência.

Apesar de não se poder negar que a falência da competência de produção de bons textos está diretamente ligada aos ensinamentos fundamental e médio, a universidade não tem procurado modificar esse cenário, para que os professores de Língua Portuguesa sejam capazes de escrever, com segurança gramatical e estrutural, textos.

A dificuldade de escrita é visível aos olhos, como no fragmento do texto exemplo, de um futuro professor, último ano do Curso de Letras.

M.A - Com o desenvolvimento da linguagem a busca da informação do saber humano do seu prazer, a força das mensagens humanas possibilitando o aperfeiçoamento da busca do conhecimento que se tornou imprescindível para as conquistas e estabelecimento do homem como ser social. Observando ao longo da história da civilização, percebe-se que quanto mais cedo se inicia a busca do conhecimento, mais cedo nasceram bons resultados.

Diante de tais constatações é triste verificar que atualmente apenas o uso da leitura desenvolvida no currículo escolar não é suficiente para a formação de leitores. É necessário então maior aproximação do educador

e educando com o livro e levá-lo a perceber que este é um insubstituível veículo de cultura e prazer, que ler é desvendar os mistérios de mundo, deparar-se com a fantasia, superar dificuldades, melhorar a própria vida e ainda, aprender a escrever, compreender

usar o processo sócio-político histórico-cultural.

Em regra, o que se apresenta no texto são ideias sem conexão, sem progressão alguma, palavras justapostas sem pontuação, sem elementos conectivos. Destaca-se o desconhecimento da importância da pontuação para estabelecer sentido. Conhecimentos básicos como tempos verbais ficaram perdidos na trajetória escolar, o que é presente e o que é passado? Ainda, no trecho “Diante de tais constatações é triste verificar que atualmente apenas o uso da leitura desenvolvida no currículo escolar”..., não há constatações que permitem afirmar que esse é um problema de hoje, e a escolha da palavra “triste” é inadequada, o argumento apresentado tornou-se sem valor, por escolha equivocada da palavra.

Pensa-se que ninguém consegue ensinar o que não sabe, assim um professor que não domina a língua escrita, que não tem facilidade para produzir textos, não consegue orientar, auxiliar os alunos a pensar sobre a língua, refletir sobre as várias possibilidades da escrita e do uso dos recursos linguísticos.

Se há algo a destacar na prática de um professor de Língua Portuguesa é a necessidade de apresentar atividades de produção de texto que levem o aluno a desenvolver os automatismos da língua e compreender os princípios determinantes da escolha de determinado recurso linguístico em detrimento a outro. Isso requer do docente conhecer muito sobre a língua para saber selecionar e ordenar os conteúdos, bem como, apontar os caminhos para o aluno fazer a reescrita de seu texto.

Em vista de tudo isso, podemos afirmar que um ensino de qualidade apresenta uma estreita

relação com uma prática dinâmica, motivadora; com a proximidade entre professor e alunos; com professores éticos, preparados intelectual e emocionalmente, capazes de intervir e de direcionar o processo de aprendizagem dos seus alunos.

Freire,(1997, p.25) afirma que

Ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; a um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não transferir conhecimento.

As ideias de Freire apontam para um professor que deve saber orientar os estudos de modo a possibilitar a ampliação do universo de conhecimento desses alunos.

Sala de aula - espaço de produção de texto

O desenvolvimento da competência escrita requer o desenvolvimento de várias habilidades e, para isso, é necessário o exercício, o fazer, o refazer para fazer melhor. É aí que entra o professor, é no pensar atividades que despertem a vontade de escrever, que necessitem da palavra escrita para fluir a comunicação.

Há, em suma, a importância de compreender a escrita dotada por duas partes: conteúdo e forma. O conteúdo está relacionado ao eu do escritor, às ideias, aos sentimentos, às experiências internalizadas, portanto, se escrever é externar ideias, pensamentos, opiniões, não se consegue dar progressão ao um texto sobre algo que não se conhece. A forma é como se estrutura as ideias sobre o assunto discutido, o que nos cumpre apontar que o texto pode ser estruturado em versos ou em prosa. A estrutura em versos, também pode ser diferenciada, versos livres ou

não, versos longos, cursos etc. O mesmo acontece com o texto em prosa, ele pode ser estruturado em parágrafos curtos ou longos dependendo da complexidade e do conhecimento que o escritor tem sobre o assunto e, ainda, a função do texto e o público a quem se destina.

Ao professor, é mister compreender que o desenvolvimento da competência da escrita ocorre quando as atividades proporcionadas ao aluno desenvolvem habilidades como: dominar as regras básicas da língua padrão: como saber pontuar para não comprometer o sentido do texto, usar pronomes adequados para não causar ambiguidade; usar a regência para se estabelecer sentido; escrever corretamente as palavras para não cair na armadilha dos parônimos e homônimos; saber organizar e expressar as ideias de forma lógica e coerente; saber utilizar os elementos de coesão para estruturar bem o texto e contribuir com a coerência textual; saber selecionar o vocabulário adequado ao gênero textual produzido; utilizar o conhecimento de mundo e o conhecimento adquirido por meio de leituras.

Se voltar-se os olhos para as práticas de ensino de produção de texto, verifica-se que as atividades escritas quase sempre ocorrem sem atividade prévia, não representam a continuidade de um processo de construção de conhecimento. Ora, as atividades de produção quase sempre têm a finalidade de atender uma demanda externa, ou seja, o vestibular, um concurso, uma avaliação, assim o aluno concebe a produção escrita como articulação de informações. Como moldes de redações para determinado fim.

Outro fator comprometedor do ato de escrever é a avaliação da atividade, não há um acompanhamento do processo, não há continuidade ao que vem sendo apreendido. O professor não devolve o texto escrito com sinalizações sobre o que deve ser melhorado, com interrogações, pra que o aluno possa pensar a escrita, refletir e reescrevê-lo acompanhando as orientações do professor. Esse caminho no processo de produção de textos seria o ideal, mas é pouco visto nas salas de aulas. Os textos são devolvidos com sinalizações, ou melhor, marcas

dos erros, mas não há o tempo para as reflexões e refacções.

Lembro-lhes que há, ainda, outro aspecto negativo nas atividades de produção escrita, o tempo. Dispõe-se de pouco tempo para a atividade, talvez o final da aula, uma hora ou menos, o que produz a falsa concepção de que o processo de escrita resulta mecanicamente da leitura, de informações adquiridas por meio de um determinado texto, e que não é necessária uma revisão do que foi produzido. Ledo engano, o primeiro texto é um esboço, no momento de revisão é possível esculpi-lo melhor, substitui-se aqui uma palavra, usa-se uma vírgula ali, mexe-se em um parágrafo, completa-se a ideia, até tornar-se um bom texto.

Pois bem, se aula tem como objetivo desenvolver a competência da escrita, como deverá ser a prática pedagógica para proporcionar atividades que favoreçam ao aluno desenvolver habilidades para escolher a linguagem, o gênero de texto adequado a seus objetivos em uma determinada situação comunicativa e, caso necessário perceber que seu texto está confuso, sem sentido e que precisa ser melhorado.

Ações do professor e o planejamento de atividades de produção textual

É evidente que o trabalho de produção deve ser aliado à leitura, pois por meio da leitura o aluno adquire conhecimentos e os transforma, e o resultado ele externa por meio da escrita. Assim pode-se afirmar que leitura e escrita percorrem o mesmo caminho no processo ensino e aprendizagem, essas práticas exigem ações reflexivas, que quanto mais ricas melhor se produz e se interpreta textos.

Os alunos precisam de atos concretos, ou seja, praticar a reescrita, praticar a escrita. E reescrevendo seus próprios textos pode reformular ideias, substituir algumas palavras, adequando-as ao gênero textual e à situação comunicativa. Deve-se observar que o ato de escrever não é somente articular informações,

decorre de um exercício continuado de trabalhar e organizar as palavras com um objetivo específico, é um exercício de construir e desconstruir.

Nas ideias de Koch (2000, p.22)

A produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades; trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual

Trata-se, em suma, de proporcionar aos alunos atividades de produção textual em situações comunicativas reais, em que o aluno seja dono do seu assunto e da forma de seu discurso, em que a escrita tenha uma função, tenha um objetivo, para que o aluno tenha intenção, vontade de escrever, de expor suas ideias.

Ao aluno, deve ser possibilitado a análise linguística de seu próprio texto, confrontar, melhorar, acrescentar, excluir palavras e enunciados, sob a orientação do professor. Como vêm essa ação permite uma interação do sujeito-autor com sua obra, bem como, desenvolve o domínio da modalidade escrita, já que o aluno, ao encontrar o problema do texto internaliza regras e compreende as especificidades de cada gênero textual.

Nos momentos de planejamento de atividades de produção de texto, o professor precisa levar em consideração que essa atividade não termina quando o aluno produz o texto, essa

é a etapa inicial. Cagliari (1998, p.22) diz que

tão importante quanto aprender a escrever é aprender a corrigir o que se escreve. A correção feita pelo professor deve ser sempre acidental e ocasional. O importante é a correção que o próprio aluno faz dos seus trabalhos. Como diz o velho ditado chinês, não basta dar o peixe a quem tem fome: é preciso ensinar a pescar. Não basta dizer ao aluno que ele errou, que seu texto está todo desarticulado ou coisa semelhante, é preciso ensinar a ele como resolver essas dificuldades, como se autocorrigir; sem precisar do professor.

Corroborar-se com a concepção do autor, visto que os alunos precisam desenvolver tanto habilidades para escrever textos quanto para corrigi-los, pois a tarefa de produzir textos, requer escolhas, encaixar palavras, utilizar a pontuação, estabelecer sentido e, na maioria das vezes, essa construção não fica perfeita sem retificações. Não pense que revisar o próprio texto é fácil, não é. É exercício que se constitui aos poucos, vai sendo aprimorado com o tempo, com a prática, até chegar ao nível satisfatório.

Compreende-se a sala de aula como viva, pulsante e que a qualidade do ensino depende da formação e qualificação docente, do contínuo aperfeiçoamento do professor para que se mantenha em dia com o desenvolvimento das áreas do conhecimento, tanto quanto com as transformações materiais e institucionais da sociedade. Então, ensino significativo nas aulas de Língua Portuguesa é aquele que possibilita ao nosso aluno o desenvolvimento da competência comunicativa, a aquisição de novas habilidades de uso da língua, ou seja, possibilita ao aluno aquisição de novos recursos para utilizar a língua nas diversas situações que necessitar.

Vale lembrar que na atualidade a aprendizagem é o centro do processo educativo e não o ensino, isso atribui ao professor uma maior carga de responsabilidade e compromisso em relação ao processo ensino-aprendizagem

e, conseqüentemente, a progressão do aluno. Portanto plagiando a propaganda do Gelol, podemos afirmar que “não basta ensinar” é preciso despertar a vontade de aprender.

Notamos, pois, que a complexidade do mundo atual exige mais que o domínio de conteúdos: é preciso que o professor saiba operacionalizá-los, relacioná-los, mobilizá-los em situações concretas comunicativas para possibilitar ao aluno manejar a língua de forma mais produtiva. Então, verifica-se a necessidade de o professor pensar uma prática pedagógica que construa novas interações e, por meio desses processos interlocutivos, possibilitar ao educando internalizar novos recursos expressivos que poderá utilizar nos processos interativos do cotidiano.

O desafio do educador está em garantir a participação do educando na vida social, nesse mundo onde há forte apelo informativo, para isso deve oportunizar aos alunos a reflexão sobre as linguagens e seus sistemas que se apresentam articulados por múltiplos códigos, e, também, sobre os processos e procedimentos comunicativos.

Para finalizar, destacamos quão importante é que o professor de Língua Portuguesa tenha conhecimentos científicos para auxiliar na transposição dos conteúdos para situações concretas do cotidiano. Visto que o processo de ensino/aprendizagem acontece por meio de propostas interativas de linguagem, em que o cerne é o desenvolvimento e domínio das várias formas de utilização da língua em diversas esferas sociais.

Considerações Finais

Pode-se, pois, concluir que as atividades de produções escritas devem partir de situações eficazes de interação social e cultural e da compreensão pelo aluno da configuração social que possa garantir a validade do ato de escrever.

Também, nas atividades pedagógicas, é necessário considerar a pluralidade e diversidade

de muitas vozes que formam os sujeitos atores dos processos comunicativos e da própria sociedade. Obviamente, é fundamental pensar na sala de aula como um espaço que propicie a compreensão da multiplicidade de lugares ocupados pela linguagem, por isso, nesse ambiente há a necessidade de transitar muitos dos vários gêneros textuais, pois reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de comunicação, suas intenções e os diferentes modos de organização do discurso facilitará o desenvolvimento de habilidades imprescindíveis para produzir bons textos.

Ressalta-se que para escrever é necessário adquirir informações que tornem o aluno capaz de reconhecer, interpretar, organizar textos para atender a diferentes intenções e finalidades. Considerando essa dinâmica, o caminho para o sucesso do processo de ensino do texto escrito é oportunizar ao aluno descobrir que escrever não é uma atividade inútil de preencher um número determinado de linhas exigidos pelo professor, sem uma função específica, sem um público para seu texto e, sim, que escrever um texto envolve conhecimento sobre o assunto, planejamento, revisão do que se escreveu para que o produto final possa alcançar os objetivos propostos e o público alvo.

Referências

BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?** 11 ed. São Paulo: Ática, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

BATISTA, Antonio Augusto G. Aula de Português- Discurso e Saberes Escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos (Abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas). In: GALVES, C. & ORLANDI, E. P. & OTANI, P. **O Texto: leitura e**

- escrita. 2.ed.** Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.
- CHIAPPINI, Ligia. Aprender e Ensinar com Textos.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- FRANCO, Ângela. Metodologia de Ensino: Língua Portuguesa.** Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.
- FREIRE, M. (Org.). Avaliação e planejamento, a prática educativa em questão. Instrumentos metodológicos II.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.
- KOCH, I.V. O Texto e a construção dos sentidos. 2.ed.** São Paulo: Contexto, 1998.
- KOCH, I.V. A inter-Ação pela linguagem. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2000.**
- NETO, A. G. A produção de textos na escola.** São Paulo: Loyola, 1993.
- Pécora, Alcir. Problemas de redação. 5.ed.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TELLES, João A. e OSÓRIO, Ester M. R. O Professor de línguas estrangeiras e o seu conhecimento pessoal da prática princípios e metáforas.** In: LINGUAGEM & ENSINO, Revista do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, v. 2, n. 2, 1999.
- SUASSUNA, Livia. Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática.** 6 ed. Campinas: Papyrus editora, 2003.

Submetido em: 28-09-2015

Aceito em: 06-10-2015